

Laboratório de escrita
Narrativa sobre gesto

Por Luana Aranin C.Carrara

A cama treme. Eu abro os olhos no escuro, bufo e viro para o outro lado, fazendo questão de demonstrar que não o faço porque meus músculos estão já muito cansados (embora estejam), ou porque perdi o sono ou a melhor posição para dormir. Faço o possível por fazer o tremor virar terremoto. Palavras não serviriam. Não vou gastar das forças que já não disponho, nem do meu latim, reclamando com o estranho que dorme todas as noites do meu lado. São tantas coisas que me incomodam, não deveria ser, a sua mania de ficar batendo os pés em qualquer hora e qualquer lugar, apenas mais uma gota de chuva que cai em um oceano de divergências? Não, não poderia e não é mais. Porque é esse trepidar sobre a cama que me impede de ignorar a sua existência, que me impede imaginar a cama vazia e sendo somente minha. O que também me impede de dormir.

Não são só os seus pés que tremem. São também a minha boca, a ponta dos dedos, as correntes no meu calcanhar, que desejam e não desejam. Não é só a cama que treme. É também a minha vida, que treme de frio, de medo, de angústia, de solidão. Treme porque deseja, e porque não deseja. Treme porque quer ser livre, e não quer o amor, daquele que também já não me quer mais. A cama que treme é só mais um verbete cujo significado eu já conheço de cor, um lembrete de que os dois que pairam por sobre o colchão abaixo de mim, afundado pelo tempo e pelos nossos corpos, não passam de dois desconhecidos, que algum dia se amaram, e hoje não se suportam mais.